

Opinião

Nuno Malheiro da Silva, Arquitecto
Presidente do FOCUS GROUP
nuno.malheiro@focusgroup.eu

UMA APOSTA GANHA

Fui pela primeira vez a Cabo Verde em 1998 passar o Natal no Mindelo e a passagem de ano na Cidade da Praia. Foram 15 dias muito bem passados e fiquei curioso por saber mais sobre um país que tinha um potencial enorme para se afirmar no mercado turístico internacional mas onde ainda havia claramente muito por fazer.

Cabo Verde tinha estabilidade política e também uma moeda estável, que acabou pouco tempo depois por ter paridade com o escudo português e mais tarde com o Euro, o que transmitia segurança ao investimento estrangeiro tão desejado e necessário. Não foi para mim uma surpresa quando, poucos anos mais tarde, soube que havia grandes projectos turísticos a serem apresentados e pensados para Cabo Verde. Decidi ir visitar, agora não em férias, mas sim na procura de mercados alternativos ao português que começava já a dar sinais de abrandamento.

O que me atraiu em 2006 quando voltei a Cabo Verde não foi o potencial dos resorts turísticos que estavam a ser pensados, mas sim o esforço do Governo em assegurar as infraestruturas necessárias a um “desenvolvimento inclusivo”, dando simultaneamente boas condições aos turistas e à população.

Começavam a desenvolver-se os instrumentos de ordenamento do território, fundamentais para um desenvolvimento sustentado, tinham sido criadas Zonas Turísticas Especiais para facilitar o desenvolvimento turístico, já estavam em curso a construção de estradas e pensadas melhorias nos aeroportos, portos, etc.

Depois de cerca de três anos a deslocar-me com alguma frequência a Cabo Verde cheguei à conclusão que não poderíamos actuar em Cabo Verde à distância a partir de Portugal. Por isso, em 2009, desafiei a minha amiga e colega de curso Ana Marta Clemente para ir comigo uma primeira vez à Ilha de Santiago, com o objectivo de lhe mostrar in loco todo o potencial que havia em Cabo Verde, e a ir para lá desenvolver a empresa local – Focus Group CV – que estava a pensar constituir.

Ela felizmente aceitou o desafio, e foi, com o marido e os dois filhos ainda pequenos, viver para a Cidade da Praia onde ainda reside actualmente, passados 5 anos.

Durante estes 5 anos muito aconteceu em Cabo Verde.

Muito do investimento privado que estava planeado para a construção de grandes resorts dependia de financiamentos bancários e apostava no turismo residencial. A crise financeira que se agravou a partir do final de 2008 colocou um ponto final nesses investimentos.

No entanto, alguns projectos hoteleiros ainda avançaram, o Governo continuou com o seu esforço no sentido do desenvolvimento e as cooperações estrangeiras continuaram também a apoiar diversos projectos no país.

No caso do Focus Group, conseguimos fazer muitos projectos no âmbito do programa “Casa para todos”, que permitiu construir um número significativo de fogos de habitação social para a população nas diversas ilhas de Cabo Verde. Colaborámos com a CM da Praia em diversos projectos estruturantes, e também com a cooperação luxemburguesa que apoiou bastante Cabo Verde nos últimos anos.

Tivemos ainda outros projectos que fomos desenvolvendo ao longo destes 5 anos e a decisão de apostar em Cabo Verde foi, sem dúvida, uma aposta ganha. Quando em Portugal o mercado dos projectos desapareceu, Cabo Verde foi um dos mercados que nos permitiu continuar a nossa actividade.

No entanto, a crise financeira, seguida da crise das dívidas soberanas e da crise da zona euro, fez estragos na economia cabo-verdiana. Não só pela diminuição da capacidade de investimento dos investidores oriundos dos países da Zona Euro, mas também pela diminuição da capacidade desses países de manterem os valores disponíveis nos programas de cooperação e apoio ao país.

O crescimento económico de Cabo Verde desceu de 4% em 2011, para 2,5% em 2012 e ainda mais para 1% em 2013. À medida que o investimento ou ajuda estrangeira foi diminuindo, o Governo procurou continuar a investir na economia, mas acabou por confrontar-se com o aumento da dívida pública e com a consequente dificuldade em continuar a obter financiamento externo a preços comportáveis.

Cabo Verde tem de dinamizar a sua economia para além do turismo e pode aproveitar todo o seu potencial humano e geoestratégico para servir de plataforma para as empresas que desejem investir nos países da costa africana, nomeadamente os da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental – CEDEAO – que é a organização de integração regional que engloba quinze países da África Ocidental: Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

É exactamente isso que desafiei novamente a Ana Marta Clemente a fazer, ao mesmo tempo que esperamos pelo retomar do crescimento económico em Cabo Verde.

Por um lado, procurar a partir de Cabo Verde novas oportunidades na CEDEAO e, por outro, liderar a nossa actividade comercial em São Tomé e Príncipe deslocando-se com regularidade a esse país a apenas 3 horas de distância.

Já entrámos em dois concursos no Senegal e fizemos uma visita exploratória ao Gana. Em São Tomé e Príncipe temos já diversos contratos de projectos e de gestão de obras e procuramos novas oportunidades.

Veremos como corre esta nova aposta.